

Muita emoção na despedida em Brasília



Na primeira fila do cortejo fúnebre, na Esplanada, D. Risoleta — ladeada pelo casal Sarney

Eilson Soares,

Cerca de 30 mil pessoas prestaram sua última homenagem ao presidente Tancredo Neves entre as 20 horas de ontem, quando a visitação popular começou, até as sete horas da manhã de ontem, quando o cerimonial da Presidência cerrou as portas da câmara ardente localizada no Salão Nobre do Palácio do Planalto.

Não houve incidentes sérios, mas 23 pessoas foram acometidas de ataques nervosos e receberam atendimento em um ambulatório instalado no terceiro andar, ao lado do gabinete do presidente da República.

Segundo o Dr. Ricardo, responsável pelo funcionamento do ambulatório, havia uma determinação de não se liberar o número total de atendimentos e nomes de pacientes. Mas não houve exceções em relação a diagnósticos: descontrole nervoso em todos os casos registrados. O aspecto do presidente, comparado por uma das pessoas medicadas como «igual a um boneco de cera», causou desmaios e crises de choro compulsivo entre alguns dos populares.

De acordo com uma fonte de segurança do Palácio do Planalto, os incidentes, «se compararmos com o volume de visitas», foram mínimos.

Descanso

Dona Risoleta acompanhou toda a movimentação até as 2h30min, quando *Jor* colheu, aos aposentos de seu filho Tancredo Augusto, no terceiro andar do Palácio, sala de despachos. Neste momento, seguindo sugestões de parentes e amigos, seguiu para um hotel para descansar até o início das cerimônias marcadas para a manhã de ontem.

Apenas um político acompanhou a vigília até o final junto à câmara mortuária, o ex-senador pelo Rio de Janeiro, Benjamim Farah. Ele chegou ao Palácio do Planalto por volta de zero hora, quando o ex-prefeito de Niterói, Wellington Moreira Franco, ainda se encontrava presente, acompanhado de sua esposa, Celina. Por volta de uma hora, Moreira se retirou e Benjamim Farah permaneceu junto à família.

Ele pretendia deixar o Planalto por volta de três horas de ontem. Chegou a caminhar até a rampa do Palácio quando percebeu que era o único político ainda presente. Retornou para junto da família, onde ficou até as seis horas e 30 minutos, quase no horário previsto para se encerrar a visita pública.

Enquanto isto, o afluxo de populares diminuía, apesar de não cessar durante toda a madrugada. Um grupo ligado a uma seita oriental — os maharitaki — erguia suas mãos em um só gesto «para canalizar a energia celeste e abrir o caminho do presidente Tancredo Neves até sua nova vida». Alguns seguidores desta corrente religiosa subiram até o mezanino do Salão Nobre, onde, com a palma da mão voltada para o ataúde em câmara ardente, «iluminavam a viagem e davam paz ao corpo do presidente».

Aécio Cunha

Até as 2 horas e 30 minutos, a longa fila de populares que ocupara a Praça dos Três Poderes se reduzira a pequenos grupos. Mesmo assim, o corpo do presidente não ficou sozinho. Soldados do Batalhão de Guarda Presidencial e do Batalhão de Polícia do Exército, que montavam guarda no Palácio do Planalto, começavam a subir a rampa para prestar suas últimas homenagens ao criador da Nova República.

Por volta de quatro horas e 30 minutos, o fluxo de visitantes começou a ampliar-se, até obrigar a reorganização das filas. O neto do presidente Tancredo, Aécio Neves Cunha, chegou neste instante cercado de alguns amigos e de seguranças. Circulou diversas vezes pelos corredores do Planalto e seguiu para o Salão Nobre, onde acompanhou as homenagens de populares, alguns dos quais deixavam cartas, bilhetes e cartões com mensagens para o «arquiteto da transição democrática».

Já com o sol despontando, Aécio deixou por alguns instantes o interior do Palácio, caminhando na calçada fronteira ao prédio onde recebeu condolências de populares que o reconheceram.

Garçom

Ironia ou coincidência, mas ontem foi enterrado nesta capital o «maltre» João Rosa, escolhido por Tancredo Neves para servi-lo durante o seu governo. E, a exemplo do presidente, o garçom morreu de septicemia após sofrer três cirurgias: uma primeira para retirar parte do intestino grosso devido a uma doença diverticular, uma segunda para retirar abscessos do abdômen e uma última — traqueostomia — para melhora do aparelho respiratório.

João Rosa veio para Brasília com o presidente Juscelino Kubitschek, a quem servia desde o Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, e já conhecia a família Neves a quem prestava serviços constantemente. Ele foi internado no Hospital Santa Luzia no dia 6 de abril e, após ser submetido a três cirurgias de emergência, faleceu na tarde de ontem.